



## ENTRE RAIOS E CORISCOS: ESTUDO GEOLINGUÍSTICO EM MINAS GERAIS NOS DADOS DO ALiB E DO EALMG

Valter Pereira Romano (UFSC/PPGL)<sup>1</sup>  
[valter.pereira.romano@gmail.com](mailto:valter.pereira.romano@gmail.com)

Juliana Aparecida da Cruz (G-UFLA)<sup>2</sup>  
[juliana-cruz03@hotmail.com](mailto:juliana-cruz03@hotmail.com)

**RESUMO:** Este texto apresenta uma discussão acerca da variação lexical no Estado de Minas Gerais pautando-se em dados geolinguísticos documentados no *corpus* do Projeto Atlas Linguístico do Brasil - ALiB e nas cartas do Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - EALMG (RIBEIRO et al. 1977). São estudados os designativos que recobrem os conceitos para três questões do Questionário Semântico-Lexical do ALiB (COMITE NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001), a saber: *relâmpago* (QSL 8), *raio* (QSL 9) e *trovão* (QSL 10,) registrados na fala de 92 informantes urbanos de 23 cidades mineiras. As variantes elicitadas no *corpus* do ALiB são comparadas com as que se encontram nas cartas 16 e 18 do EALMG, atlas rural. O objetivo deste texto é discutir a variação e a mudança linguística na fala mineira e a divisão dos falares de Minas Gerais proposta por Zágari (2005 [1998]). O estudo revelou que há diferenças na variação lexical considerando ambos os atlas, sobretudo, nos que tange ao uso do vocábulo *corisco* para denominar o *raio*, havendo uma mudança em progresso quase concluída, dado o perfil dos informantes e a distribuição diatópica do item. Quanto à divisão dialetal do território, os dados não confirmam a tripartição de Zágari (2005 [1998]), considerando os *corpora* analisados.

**PALAVRAS-CHAVE:** Variação lexical. Fenômenos atmosféricos. Atlas linguísticos. Minas Gerais.

**ABSTRACT:** This article sets out a discussion about lexical variation in the State of Minas Gerais based on geolinguistic data, which are documented in the corpus of the Atlas Linguistic Project of Brazil – ALiB and in the letters of the Outline of a Linguistic Atlas of Minas Gerais – EALMG (RIBEIRO et al. 1977). Designations covering concepts for three questions from the ALiB Semantic-Lexical Questionnaire are studied (ALiB PROJECT NATIONAL COMMITTEE, 2001), namely, lightning (SLQ 8), thunderbolt (SLQ 9) and thunder (SLQ 10,) recorded from 92 urban informants speeches from 23 cities in Minas Gerais. Variants elicited from the ALiB corpus are compared with those found in letters 16 and 18 of the EALMG, rural atlas. This article aims to discuss the linguistic variation and change in Minas Gerais speech and Minas Gerais speech division proposed by Zágari (2005 [1998]). The study revealed that there are differences in lexical variation considering both atlases, especially regarding the use of the word spark to name the word thunderbolt, there is a change in progress almost completed, given the informants profile and the diatopic distribution of the item. As for the dialectal division of the territory, data do not confirm the tripartition of Zágari (2005 [1998]), considering the analyzed corpora..

**KEY WORDS:** Lexical variation. Atmospheric phenomena. Linguistic atlases. Minas Gerais.

<sup>1</sup> Professor no Departamento de Língua e Literatura Vernáculas e no Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Doutor em Estudos da Linguagem (UEL). Pesquisador do Atlas Linguístico do Brasil.

<sup>2</sup> Graduanda em Letras na Universidade Federal de Lavras.

## 1 Introdução

Na mitologia Nórdica, Thor filho de Odin, era o deus do trovão e das tempestades, conhecido como o deus mais poderoso e sua principal arma era seu martelo. Cruzava o céu em sua carruagem cujas rodas produziam ruídos que podiam ser ouvidos pelos homens e, ao bater seu poderoso martelo nas rochas, as fagulhas atingiam a terra em forma de raios. Já entre os gregos, Zeus, o rei de todos os deuses, brandia sobre a terra os raios em forma de lança com o intuito de serem atirados sobre os homens pecadores como punição pelos seus atos. Na mitologia romana, Júpiter também desferia raios para castigar os mortais pelas as más atitudes que, se não os matassem, podiam acarretar alterações das personalidades (CANDIDO, NUNES, 2012).

Envoltos em mitos e lendas, *raios, relâmpagos e trovões* figuram no imaginário coletivo de forma sobrenatural, e despertam curiosidade, medo e sentimentos vários. Fato é que as diferentes sociedades humanas recorriam a figuras mitológicas para elucidar fenômenos da natureza na compreensão das intempéries climáticas. Assim, “a mitologia se constitui em relevante elemento para a compreensão da relação de uma dada sociedade com a natureza” (CANDIDO, NUNES, 2012, p.42), relacionando-se com a necessidade humana de “conhecer sua origem, identidade e ambiente, sendo também um elemento caracterizador dos grupos de acordo com as relações especiais que eles estabelecem com o meio” (CANDIDO; NUNES, 2012, p. 42).

A beleza da mitologia passa pelo crivo da racionalidade com o desenvolvimento das sociedades e os progressos da ciência, como é de se esperar. Seja resultado da ira divina em relação à má conduta dos mortais ou meramente fenômenos da natureza, é inegável que o imaginário popular está povoado de crenças e mitos sobre o que não se pode controlar (VIEIRA, 2019). *Raios, relâmpagos e trovões* nada mais são fenômenos atmosféricos correlacionados.

Segundo o Instituto Nacional de Meteorologia (INMET, 2020a), o *relâmpago* “é a manifestação luminosa que acompanha as descargas elétricas naturais verificadas entre duas nuvens, entre uma nuvem e o solo, entre partes de uma mesma nuvem ou entre uma nuvem e o ar límpido” (INMET, 2020a). O *raio* é: “descarga súbita e visível



de eletricidade produzida em resposta à intensificação da atividade elétrica existente entre: 1) nuvem e solo; 2) entre duas ou mais nuvens; 3) dentro de uma única nuvem, ou 4) entre uma nuvem e a atmosfera.” (INMET, 2020b). Por sua vez, de acordo com o Instituto Português do Mar e da Atmosfera (IPMA), “o trovão é um subproduto do raio. Ao longo da trajetória do raio, através da coluna de ar, com diâmetro de poucos centímetros, ocorre uma expansão brusca do ar sobreaquecido que origina uma onda de choque que dá origem a ruído característico: trovão” (IPMA, 2020a) e essas intempéries climáticas são “um dos fenômenos meteorológicos mais devastadores. Condicionam o funcionamento de numerosas atividades sócio-econômicas e podem até causar a perda de vidas humanas” (IPMA, 2020b).

No Português Brasileiro, são várias as denominações para esses três fenômenos de acordo com a região linguística, mas, sobretudo, com perfil sociolinguístico das pessoas. Exemplo disso, é que essa área semântica “Fenômenos atmosféricos”, por vezes, é explorada nos atlas linguísticos. Como exemplos, encontram-se o Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALTENHOFEN; KLASSMAN, 2011) e o Atlas Linguístico do Paraná (AGUILERA, 1994), entre outros, que trazem cartas linguísticas para documentar as variantes de ordem léxico-fonética para os fenômenos em pauta.

O presente artigo, de natureza geolinguística, trata das variantes lexicais para denominar esses fenômenos em dados de dois atlas linguísticos, o Esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais – EALMG (RIBEIRO et al., 1977) e os dados coletados para elaboração do Atlas Linguístico do Brasil, o ALiB, em 23 cidades mineiras. O texto objetiva fazer um estudo comparativo de duas sincronias: período 2009 a 2013<sup>3</sup> (ALiB), com dados urbanos; e década de 1970 (EALMG), com dados rurais.

Trata-se de um dos resultados do Projeto “Os Falares de Minas nos dados do Projeto ALiB”, desenvolvido entre os anos 2016 a 2019, cujo objetivo principal foi realizar estudos acerca da variação linguística em Minas Gerais com vistas à descrição da divisão dialetal proposta por Zágari (2005 [1998]).

---

<sup>3</sup> A coleta de dados do ALiB no Estado de Minas Gerais iniciou no ano de 2009 e foi concluída em 2013.



Este artigo, além dessa introdução (seção 1), apresenta a caracterização do EALMG (RIBEIRO et al, 1977), seguida da seção que traz informações sobre o ALiB. Na seção 4, são apresentados os materiais e métodos utilizados para elaboração deste texto. A seção 5 apresenta os resultados do estudo, seguindo-se as considerações finais e as referências.

## 2 O EALMG e os falares de Minas

A Geolinguística brasileira teve seu marco inicial na década de 1960 no Estado da Bahia com a memorável obra de Nelson Rossi e suas colaboradoras, o Atlas Prévio dos Falares Baianos – APFB (ROSSI, 1963) e de lá se propagou por outros estados e regiões de forma a constituir uma importante área de interesse entre os pesquisadores brasileiros para documentação e descrição do português falado no Brasil.

Assim como o que ocorrera na Bahia, Minas Gerais também teve seu atlas linguístico elaborado, sendo o segundo estado federativo em ordem cronológica (1977), depois de 14 anos de publicação do APFB, que somados a outros três atlas, o da Paraíba - ALPB (ARAGÃO; BEZERRA DE MENEZES, 1984), o de Sergipe – ALS (FERREIRA et al, 1987) e do Paraná - ALPR (AGUILERA, 1994), vieram a dar as bases para o desenvolvimento da Geolinguística no Brasil, constituindo aquilo que se conhece como o “Primeiro momento” desse ramo dos estudos linguísticos no território nacional (ROMANO, 2013).

O EALMG foi uma iniciativa de um grupo de professores da Universidade Federal de Juiz de Fora: José Ribeiro, Mário Roberto Lobuglio Zágari, José Passini e Antônio Pereira Gaio que, por meio da pesquisa *in loco* em 116 cidades mineiras, planejavam publicar um atlas linguístico de Minas Gerais<sup>4</sup>. Nesse atlas não foi feito o controle de variáveis sociais, documentando a língua falada por homens ou mulheres com a idade entre 30 e 50 anos, preferencialmente, analfabetos ou com o máximo de

---

<sup>4</sup> O EALMG foi projetado para ser divulgado em 4 volumes, mas apenas o primeiro e único volume foi publicado em 1977. Com o falecimento do prof. Zágari em meados de 2010 e possíveis dificuldades da equipe, é provável que os demais volumes do EALMG não venham a público.

escolaridade até a quarta série do primeiro grau (hoje quinto ano do Ensino Fundamental). Contudo, segundo Romano (2013):

conforme se verifica na apresentação do atlas, quase todos os informantes são homens, num ou noutro ponto foi entrevistada uma informante do sexo feminino, mantendo-se, pois, os critérios da Dialetologia tradicional ou monodimensional. Apesar de o perfil do informante, na prática, seguir o critério tradicional, vale notar que o EALMG atingiu grandes, médias e pequenas cidades, além dos lugares mais afastados do sertão mineiro. (ROMANO, 2013, p. 210)

Com a finalidade de complementar a rede de pontos e confirmar ou não as análises prévias das isoglossas, os autores realizaram, ainda, inquéritos por correspondência em 302 localidades. O questionário do EALMG teve 415 questões e seu primeiro e único volume publicado traz o resultado da pesquisa direta em 73 cartas linguísticas, das quais 45 são onomasiológicas de caráter lexical e léxico-fonético e 28 cartas são de isófonas e de isoléxicas.

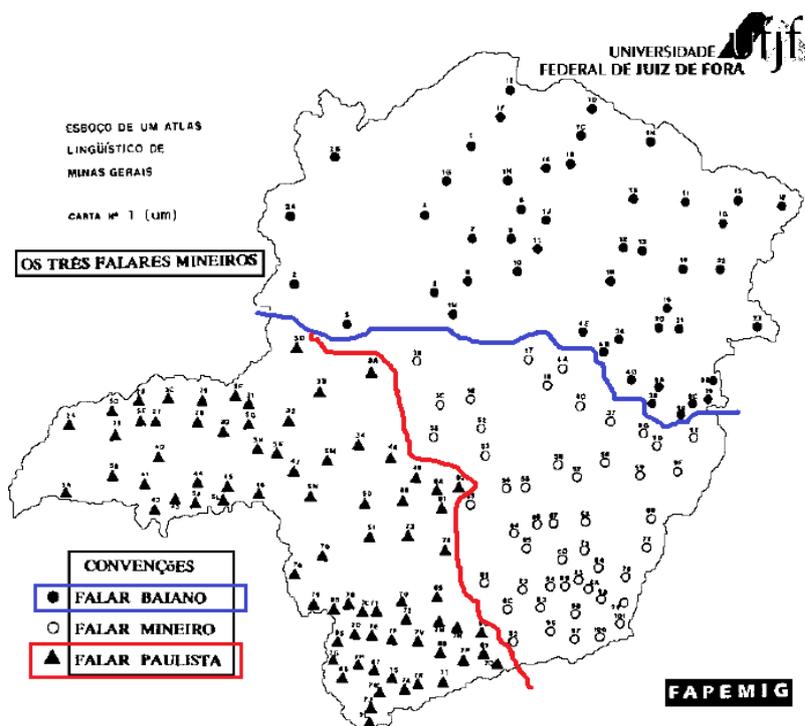
Observando-se o comportamento das variantes léxicas e fonéticas documentadas nas cartas linguísticas do EALMG, Zágari (2005 [1998]) divide o território mineiro sem três áreas: o *falar paulista*, o *falar baiano* e o *falar mineiro*, conforme se verifica na Figura 1, adaptada:

Sobre o *falar baiano*, o autor afirma:

Caracteriza-se esse falar pela predominância das vogais pretônicas baixas, como [ɔr'valu], [se'renu], a presença da africada [tʃ] antecedendo a vogal alta [i] (*sic.*), como em [ʼmũtʃu], [o'tʃu], além do [t] e [d] como coronais, [i'dadi], [ʼdēti] e a nasalidade ocorrente fora da sílaba tônica: [bã'nãna] ou [kãmi'ɲãw].

Itens lexicais comuns ocorrem, mas veiculando significados ignorados nas outras regiões, a saber: **neve** (= cerração), **chuva-de-flor** (= granizo), **zelação** (= estrela cadente), **china** (= bola-de-gude), **queiro** (= dente-de-siso), **bituca** (= toco de cigarro), **ponga** (= carona). (ZAGARI, 2005, p. 50)

Figura 1 – Localização dos três falares de Minas Gerais



Fonte: Zágari (2005) – adaptado

Quanto ao *falar paulista*, o que distingue esse falar é a

sua marca inconfundível nas Gerais o [r] retroflexo, como se constata nas cartas de **aborto** (pergunta 60), **alpargata** (pergunta 132) e **embornal** (pergunta 138), além de tantas outras, aqui resumidas, através dos mapas 5A e 5B. [...] Nesse falar, o ritmo de fala é mais veloz, contrastando com o ritmo mais arrastado do norte, verificando-se, lexicalmente, certas preferências como **ramona** (= grampo), **rabicó** (= animal sem rabo), **cachopa** ou **caixote** (= colmeia) e **chuva-de-rosa** (= granizo). (ZAGARI 2005, p. 50-51)

O *falar mineiro* (utilizando-se a nomenclatura de Antenor Nascentes) encontra-se entre essas duas áreas (paulista e baiana) e “não possuindo nenhuma das características acima enumeradas, desfaz constantemente os ditongos [aj], [ej] e [ow] quando não finais e faz surgirem outros, quando finais e antecidos de sibilante: [a'xoys], [ 'fajs], [ 'nojs] (ZAGARI, 2005, p. 51).

O autor pondera, contudo, que

Ao estabelecer essas fronteiras, diga-se impossível demarcá-las como definitivas, quer por não se poder balizá-las em intercruzamentos, quer porque aqui e ali essas se tocam desordenadamente, quer porque o tempo mostrará que elas se movem, quer porque o que existe são fenômenos fonéticos e lexicais cuja difusão, muitas vezes ou sempre, operam de forma independente. (ZAGARI, 2005, p. 51)

Essa divisão de Zágari (2005), no que tange à fonética, de acordo com Rocha e Antunes (2014),

ainda que apresentem algumas contradições, mostram tendências de pronúncia que continuam ocorrendo no estado [...]. A proposta de dividir o português de Minas Gerais em três regiões ou subfalares continua tendo respaldo, mesmo nos dados aqui analisados – que são atuais –, mas não se pode pensar em uma divisão estanque (ROCHA; ANTUNES, 2014, p. 109-110).

Rocha e Ramos (2010, p. 77), por sua vez, atestam que a “tripartição sustenta-se sobre os dados fonéticos, não sobre os lexicais”, conclusão esta que Rocha (2012) também evidencia em seu trabalho com dados parciais coletados para o ALiB em Minas Gerais. Segundo a autora (2012, p. 86): “viu-se que as cartas lexicais presentes no ALEMiG (*sic*) sustentam apenas parcialmente a tripartição dialetal proposta por Zágari (1998), a qual se sustenta, de forma consistente, nas cartas fonéticas da referida obra”

Mas, de acordo com Romano e Seabra (2017, p. 120):

o prognóstico de Rocha e Ramos (2010) e de Rocha (2012) sobre a não-validação da proposta de Zágari (1998) no que se refere ao léxico de Minas Gerais merece análise mais cuidadosa, agora que a equipe do ALiB já concluiu a coleta de dados em todo o estado e há a viabilidade de cartografia sistemática das variantes lexicais.

Contudo, após realizarem seu estudo em Minas Gerais sobre as variantes para a “bolinha de gude” e “estilingue”, questões 156 e 157 do QSL, respectivamente, na fala de 92 mineiros distribuídos pelas 23 cidades investigadas pela equipe do ALiB, cuja coleta já havia sido concluída à época, os autores confirmaram as conclusões de Rocha e Ramos (2010) e de Rocha (2012). Afirmando que:



A proposta de Zágari (1998) sobre a tripartição do território mineiro em três falares, considerando os *corpora* [EALMG e ALiB] analisados, não se confirma sob o ponto de vista lexical, conclusão já preconizada por Rocha (2012) e ratificada por esta pesquisa que se pautou em dados empíricos.

Entre o rol de variantes documentadas para ambas as questões e em ambos os atlas não se encontrou uma forma que caracterizaria o chamado falar *paulista* (sul e Triângulo Mineiro) e o *baiano* (norte do estado), nem mesmo o *mineiro*, caracteristicamente.

Há de se observar, de todo modo, uma importante consideração dos autores que coaduna com o posicionamento defendido por Romano (2015) e Ribeiro (2012) de que estabelecer áreas dialetais a partir do léxico tem se constituído uma tarefa desafiadora, pois os limites são virtuais e fluidos, cujas linhas de isoléxicas só

são possíveis de serem definidas, considerando os aspectos sociais e históricos envolvidos na configuração diatópica de determinada região, e levando em conta fatores tais como migração e imigração, que, indubitavelmente, interferem na disseminação de variantes (ROMANO, 2015, p. 265).

Os atlas linguísticos são por excelência os “registros fotográficos” para a delimitação dessas áreas. Nesse sentido, a próxima seção apresenta o Projeto ALiB, seguindo-se os materiais e métodos do artigo e os resultados obtidos.

### 3 Projeto Atlas Linguístico do Brasil - ALiB

O ALiB é um projeto de pesquisa nacional e de caráter interinstitucional que está em franco desenvolvimento no país desde o ano de 1996<sup>5</sup>. Com um questionário próprio amplamente testado e publicado em 2001, iniciou-se o trabalho de campo que ocorrera de 2001 a 2013 em 250 cidades brasileiras de pequeno, médio e grande porte, junto a 1100 informantes estratificados em duas faixas etárias (Faixa I: 18 a 30 anos/ Faixa II: 50 a 65 anos), divididos, equitativamente, entre ambos os sexos (masculino e feminino). Nas cidades do interior, foram entrevistados quatro informantes de nível fundamental de

---

<sup>5</sup> Há uma vasta bibliografia sobre o Projeto que pode ser consultada em: <<https://alib.ufba.br/>>



escolaridade (máximo 9º ano concluído), e nas capitais além desses quatro, somam-se mais quatro informantes de nível superior (completo ou incompleto).

Pelo provisionamento do instrumento de coleta e o perfil dos informantes, pode-se dizer que se trata de um atlas pluridimensional, de acordo com Cardoso (2010), contemplando a variação diatópica, diageracional, diasssexual, diafásica, diarreferencial, formulada por Thun (1998).

Os dois primeiros volumes do ALiB foram publicados em 2014, por ocasião do III Congresso Internacional de Dialetologia e Sociolinguística – CIDS, que ocorreu em outubro daquele ano na Universidade Estadual de Londrina. O primeiro volume, introdutório (CARDOSO et al. 2014a), apresenta aspectos metodológicos do atlas e o segundo consta de cartas linguísticas (fonéticas, léxicas e morfossintáticas) referentes à rede de pontos das capitais (CARDOSO et al. 2014b)<sup>6</sup>.

Em Minas Gerais, foram contemplados 23 municípios, selecionados de acordo com importância socioeconômica, histórica e cultural para o país, o que sumariza a fala de 96 informantes, pois na capital (Belo Horizonte), além dos quatro informantes de nível fundamental, foram inquiridos mais quatro informantes de nível superior<sup>7</sup>. A rede de pontos do ALiB, desse modo, no estado mineiro, compreende os pontos de 127 (Januária), no norte de Minas, a 149 (Itajubá), no extremo sul do estado, conforme o Quadro 1.

---

<sup>6</sup> Os volumes subsequentes do ALiB estão em fase de elaboração. O volume 3 apresentará estudos acerca do material cartografado no volume 2. O volume 4 e 5 também constarão os dados das capitais. Os volumes 6 e 7 apresentarão os primeiros resultados da pesquisa na rede de pontos do interior. Estudos prévios, contudo, estão sendo realizados com o *corpus* que está em fase de revisão, como por exemplo, o presente texto.

<sup>7</sup> Neste artigo, utilizam-se apenas os dados dos informantes de nível fundamente, portanto, a fala de 92 mineiros. A coleta de dados em Minas Gerais se deu no período de 2009 a 2013.

Quadro 1 – Rede de pontos do Projeto ALiB em Minas Gerais

Nº do Ponto	Nome da Localidade
127	Januária
128	Janaúba
129	Pedra Azul
130	Unaí
131	Montes Claros
132	Pirapora
133	Teófilo Otoni
134	Diamantina
135	Uberlândia
136	Patos de Minas
137	Campina Verde
138	Belo Horizonte
139	Ipatinga
140	Passos
141	Formiga
142	Ouro Preto
143	Viçosa
144	Lavras
145	São João del Rei
146	Muriaé
147	Poços de Caldas
148	Juiz de Fora
149	Itajubá

Fonte: Elaborado pelos autores

Depois dessa breve apresentação do ALiB e de alguns estudos elaborados a partir dos dados do EALMG, passa-se à descrição da metodologia empreendida neste estudo, seguindo-se a discussão dos resultados em ambos os atlas.

#### 4 Materiais e métodos

O Questionário Semântico-Lexical do ALiB está dividido em 14 áreas semânticas e uma delas é a dos “Fenômenos Atmosféricos” que compreende a questão 7 a 21, correspondente a 15 perguntas, das quais algumas já foram exploradas ou estão sendo investigadas por outros pesquisadores do Projeto.



As questões 7, 8 e 9 ainda não foram exploradas e são o objeto de análise deste texto e, em geral, estão associadas por se tratarem basicamente do mesmo fenômeno atmosférico. O pesquisador de campo, na ocasião do inquérito, apurou as diferenças e semelhanças entre elas de modo a aquilatar possíveis dúvidas na denominação.

Os dados foram levantados mediante consulta ao banco de dados do Projeto ALiB (transcrições e revisões) e outiva das gravações. As respostas foram sistematizadas em planilhas do Excel e posteriormente foram inseridas no programa SGVCLin<sup>®</sup> – Software para Geração e Visualização de Cartas Linguísticas (ROMANO; SEABRA; OLIVEIRA, 2014) que, de modo informatizado, forneceu relatórios de frequência das formas registradas em números absolutos e relativos e os sistematizou em cartas linguísticas de diferentes tipologias, as quais são apresentadas apenas duas: a diatópica por produtividade em cada ponto e a de arealidade, que revela linhas de isoléxicas/heteroléxicas de determinado(s) item(s). Na próxima seção, passa-se à apresentação e à discussão dos resultados.

### 5 Discussão dos resultados

Nesta seção, apresenta-se a discussão dos resultados obtidos nos *corpora* analisados. Primeiramente, sobre os designativos para as questões 8 e 9 (*relâmpago/raio*) no ALiB e no EALMG; e depois a questão 10 (*trovão*), também seguindo a mesma ordem. Note-se que no EALMG, as cartas que tratam dos referentes aqui estudados são a de número 16, 17, 18, 19 e 20. Contudo, neste artigo, apresentam-se apenas as cartas 16 e 18, pois as outras são de caráter léxico-fonético, ou seja, trazem a pronúncia das variantes documentadas, o que não é proposto discutir nesta oportunidade.

#### 5.1 Relâmpago e raio

A questão 8 do QSL - ... *um clarão que surge no céu em dias de chuva?*, no *corpus* do ALiB, apresentou 87 ocorrências, distribuídas em duas variantes : *relâmpago*

(86 registros, 99% das respostas válidas) presente em todos os pontos linguísticos e uma ocorrência do item *fáisca* (1%), apenas em Lavras, ponto 144, no Campo das Vertentes<sup>8</sup>.

Foram seis as abstenções de resposta em que os informantes afirmaram não saber denominar o fenômeno: em Unaí (ponto 130/2), no noroeste mineiro; em Montes Claros (131/1), norte do estado; em Passos (140/4) e Formiga (141/1), cidades localizadas no sul de MG; em Ouro Preto (142/1), região metropolitana; e em Juiz de Fora (148/4), na Zona da Mata Mineira. Vale observar que a maioria dos informantes que não soube denominar o fenômeno pertence à primeira faixa etária em: Unaí, Montes Claros, Formiga e Ouro Preto e a segunda faixa em: Juiz de Fora e Passos, o que pode dar indícios de uma menor atenção dada pelos mais jovens em fenômenos da natureza, dada a dinamicidade da vida moderna, entre outros motivos.

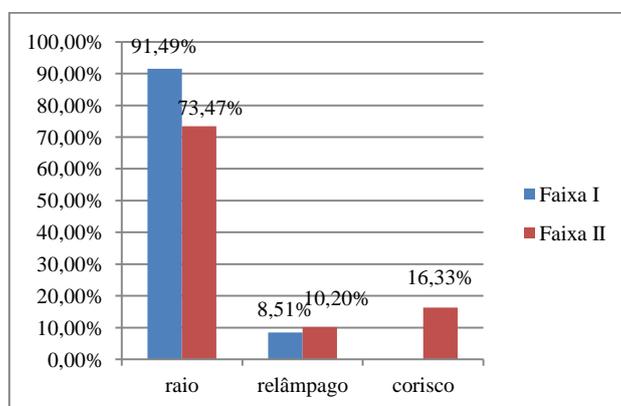
Já a questão subsequente do Questionário do ALiB (COMITE NACIONAL, 2001) - QSL 009 - *uma luz forte e rápida que sai das nuvens, podendo queimar uma árvore, matar pessoas e animais, em dias de mau tempo* - teve um total de 96 respostas válidas e nenhuma abstenção. No momento da entrevista, em geral, essa questão é feita simultaneamente à questão 8 para dirimir dúvidas acerca da denominação dos respectivos referentes e esclarecer as diferenças entre o “clarão” (*relâmpago*) e a “luz rápida que sai das nuvens que pode queimar árvore, matar pessoas...” (*raio*).

Foram documentadas três variantes lexicais: *raio* (79 registros, 82,3%), *relâmpago* (9 registros, 9,4%) e *corisco* (8 registros, 8,3%). A distribuição das ocorrências entre ambos os sexos foi basicamente equânime, mas considerando as faixas etárias, observa-se uma diferença diageracional, principalmente para o item *corisco*, que ocorreu, exclusivamente, entre os informantes da faixa II, conforme a Figura 2 a seguir:

---

<sup>8</sup> Não é apresentada a carta dessa questão porque não houve variação diatópica interessante, salvo o que fora descrito textualmente, a presença do item *fáisca* como *hápx legomena*.

Figura 2 – Distribuição diageracional das variantes lexicais para a questão 9 do QSL



Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB – Relatório do SGVCLin<sup>®</sup>

Conforme o gráfico, *raio* ocorreu com menor porcentagem (73,47%) entre os informantes da faixa II se comparado com os de perfil mais jovem (91,49%). Essa diferença é compensada pela presença de *corisco* (16,33%), exclusiva entre os informantes mais velhos. A produtividade de *relâmpago*, por sua vez, manteve-se relativamente equilibrada entre as duas gerações. Apesar da aparente confusão dos informantes em denominar o fenômeno, objeto de indagação da pergunta 9, denominando-o como *relâmpago*, muitos afirmam que se trata do mesmo referente, conforme as transcrições *ipsis litteris* a seguir<sup>9</sup>:

Informante 1 de Passos (140/1):

*INF.- Relâmpago, raio.*  
*INQ.- É igual?*  
*INF.- Relâmpago igual a raio.*

Informante 2 de Pedra Azul (129/2):

*INF: Ah, pro povo aqui é tudo relâmpago mesmo.*

Informante 3 de Ipatinga (139/3):

*INF: Aqui a gente chama de curisco, né?*  
*INQ: Ou então?*  
*INF: A gente fala relâmpago também.*

<sup>9</sup> Transcrição grafemática segundo as normas do Projeto ALiB. As siglas *INQ.* e *INF.* indicam inquiridor e informante, respectivamente.

Informante 4 de Formiga (141/4):

*INF.- Eh...como que fala? Esqueci.*

*INQ.- Não tem problema, em dia de chuva também, né, que às vezes cai em árvore, parte a árvore no meio...*

*INF.- Relâmpago.*

*INQ.- Esse é o que cai e mata uma pessoa também?*

*INF.- É.*

Informante 4 de Viçosa (143/4):

*INF: Pra mim é relâmpago também.*

Ou seja, os informantes que responderam a variante *relâmpago* para a questão 9 foram questionados pelo inquiridor que teve o cuidado de averiguar se eles faziam ou não a distinção entre *raio* e *relâmpago*. Cientificamente, como se observa na introdução desse texto, o *raio* também é um *relâmpago*, com a diferença que a luz é súbita e por sua vez, este também pode ser em direção ao solo (INMET, 2020a; 2020b).

Já o estatuto de *corisco*, enquanto variante que revela uma variação diageracional, deve-se ao fato de ocorrer exclusivamente no vocabulário ativo dos informantes da faixa II (oito informantes), conforme alguns exemplos:

Informante 3 de Januária (128/3):

*INQ – A gente fala corisco*

*INQ- E ele faz barulho quando chega?*

*INF: Faz, uai.*

Informante 4 de Januária (128/4):

*INF: A gente fala assim e parece que caiu um curisco ali.*

*INQ: E ele faz barulho?*

*INF: Faz e se ele cair numa árvore ele racha, se cair numa pessoa ele mata.*

Informante 4 de Pedra Azul (129/4):

*INF: Raio.*

*INQ: E você já ouviu outro nome?*

*INF: Ah gente ouve relâmpago, raio. Corisco, as pessoas usavam antigamente e ainda usam hoje em dia.*

Relatos como esses são ratificados pela fala de um informante masculino da faixa I de Pirapora, que forneceu como segunda resposta o item lexical *corisco*, mas não

considerada no cômputo das respostas válidas para esse trabalho, por se tratar de uma variante que ouviu seu avô falar:

Informante 1 de Pirapora (132/1):

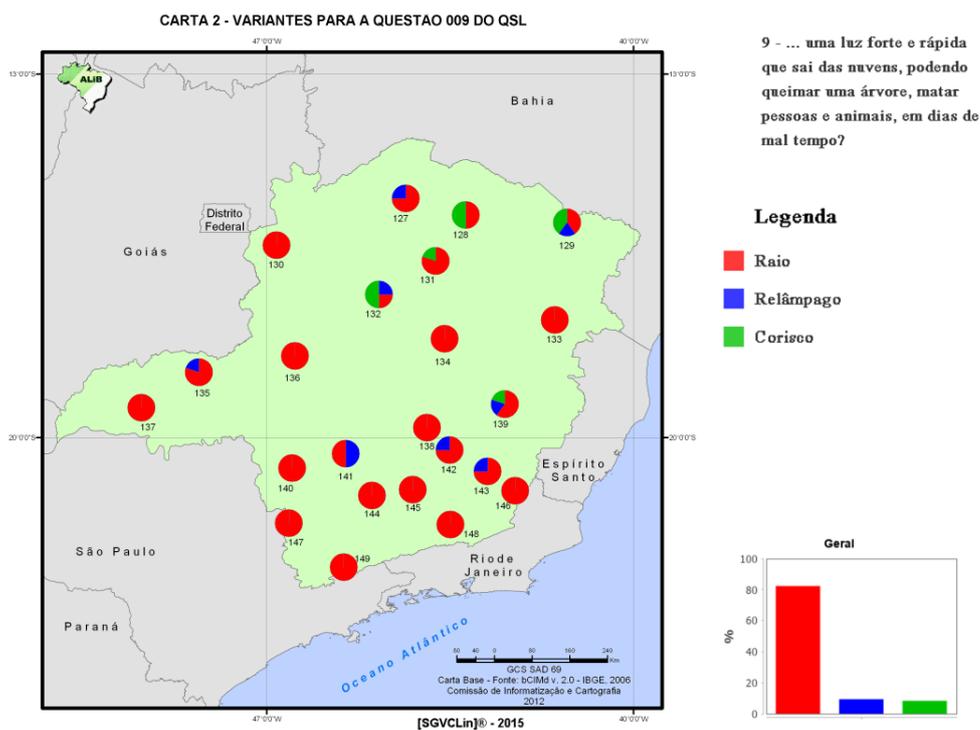
*INF.- Raio... curisco.*

*INQ: Você já ouviu curisco de quem?*

*INF: Do meu avô.*

Ressalte-se que os informantes 3 e 4, de Pirapora, responderam a forma *curisco* para a questão em pauta, chegando a 50% das respostas na localidade. Quanto à distribuição diatópica dos itens (Figura 3)<sup>10</sup>, há de se observar que *curisco* ocorre no norte do estado e em uma localidade na região metropolitana do Vale do Aço, Ipatinga, ponto 139. *Relâmpago*, por sua vez, ocorre esparsamente no triângulo mineiro, no centro e no norte de MG. Já a forma majoritária *raio* apresenta-se de forma incontestante em todas as localidades.

Figura 3 – Distribuição diatópica das variantes lexicais para a questão 9 do QSL

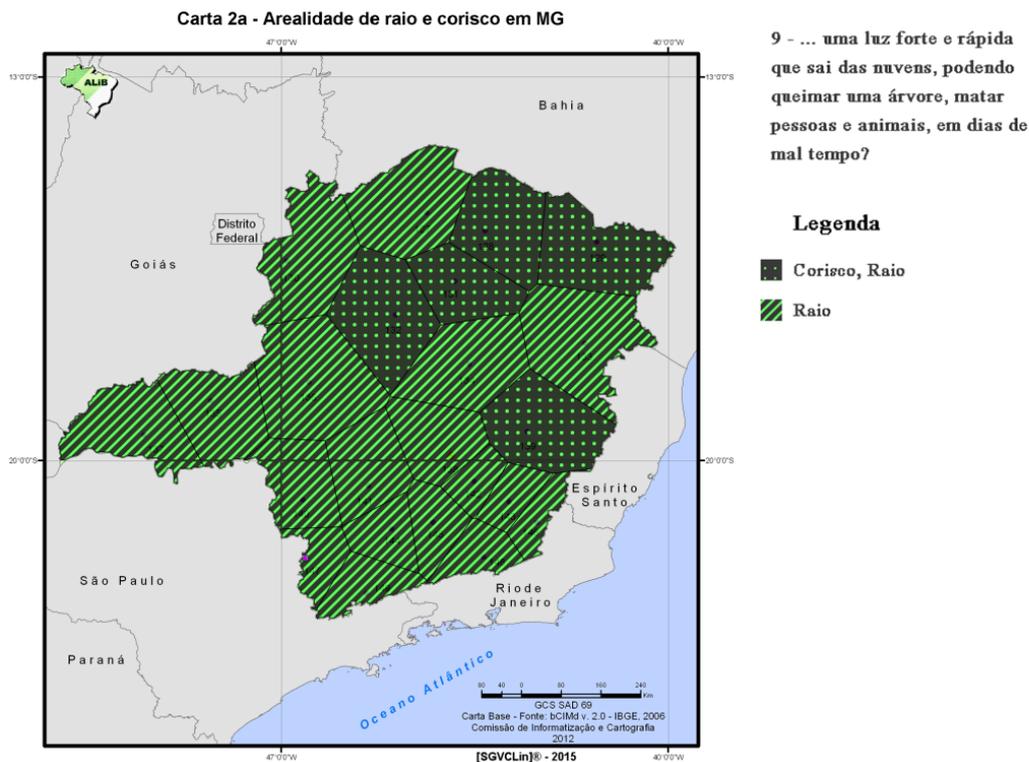


Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB – carta linguística experimental elaborada *ad hoc* no SGVCLin<sup>®</sup>

<sup>10</sup> As cartas experimentais apresentadas no artigo com dados do Projeto ALiB foram elaboradas *ad hoc* para este estudo, tratando-se de um estudo prévio realizado com o *corpus* ainda inédito.

A carta de arealidade (Figura 4) evidencia as linhas de iso e heteroléxicas de *raio* e *corisco* nos dados do Projeto ALiB como forma para denominar o “risco luminoso”:

Figura 4 – Arealidade de *raio* e *corisco* em MG nos dados do ALiB



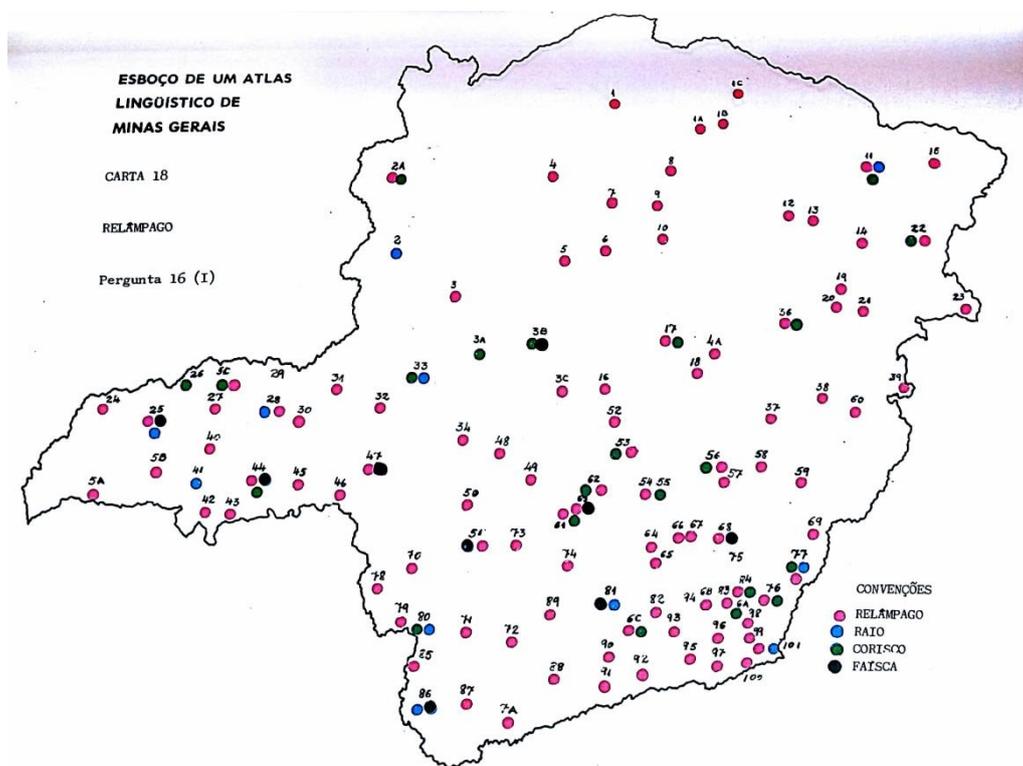
Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB – carta linguística experimental elaborada *ad hoc* no SGVCLin®

Na maior parte do estado, ocorre exclusivamente a variante *raio* na área hachurada com linhas inclinadas e num feixe que atinge o nordeste mineiro há a delimitação de uma área de heteroléxica em que ambas as formas coocorrem (*raio* e *corisco*).

Já no EALMG, encontra-se outro cenário. Parece que os autores não consideraram as diferenças entre o “clarão” (relâmpago) e o “risco luminoso que se faz no céu” (raio), pois as cartas 18, 19 e 20 não evidenciam se há essa distinção<sup>11</sup>.

A carta lexical a 18 (Figura 5), além da forma majoritária *relâmpago* registra também *raio*, *corisco* e *faisca*, para o referente da pergunta 16. As cartas 19 e 20 detalham a transcrição fonética de *relâmpago*, *raio* e *corisco*. Reproduz-se na Figura 5 a carta lexical 18 revista do EALMG:

Figura 5 – Carta lexical 18 do EALMG



Fonte: EALMG (Ribeiro et al. 1977)

<sup>11</sup> O único volume publicado do EALMG não traz o instrumento de coleta de dados anexo ao atlas ou a formulação da questão bem como notas explicativas nas cartas. Portanto, não se pôde esclarecer tal dúvida se as cartas documentam os designativos para o “clarão” ou para o “risco luminoso”. Pela interpretação que se fez neste estudo, entende-se que as cartas trazem os designativos para a descarga elétrica das nuvens em direção ao solo, que pode matar ou machucar pessoas e animais, destruir objetos etc. Trata-se da “luz rápida” que sai das nuvens, ou seja, o raio.

Observando-se a distribuição diatópica das quatro variantes, pode-se notar que no EALMG o item *relâmpago* distribuía-se por todo o estado para denominar o que se entende como “a descarga elétrica em direção ao solo”. Atualmente (ALiB), o *relâmpago* para denominar o referente também ocorre, mas de forma menos produtiva e mais esparsa, dando espaço para a variante *raio* (Figuras 3 e 4).

*Relâmpago* concorria no EALMG com a variante *corisco*. Essa, em relação às outras duas variantes (*raio* e *faisca*), apresentava uma distribuição mais ampla, principalmente no centro-sul mineiro com ocorrência em 23 pontos linguísticos. *Corisco*, no ALiB, ocorre de forma mais específica no centro-norte de MG (Figura 4), não coincidindo a mesma área de abrangência de antes, ou seja, diminuiu a área de ocorrência se comparado à distribuição diatópica em que se encontrava na década de 70 na fala rural da época (EALMG).

No EALMG, de forma mais concentrada no Sul e no Triângulo mineiro, encontrava-se *raio*, em 10 pontos (Triângulo, Oeste e Sul de MG) e uma ocorrência no nordeste do estado (ponto 11- Medina); já *faisca* predominava no Sul (5 pontos), no Triângulo Mineiro (3 pontos) e uma ocorrência no centro do estado (ponto 3B – Barreiro Grande).

Verifica-se, assim, que houve uma mudança na distribuição das variantes. *Raio*, nos dados atuais, é a variante majoritária e *corisco* apresenta-se de forma mais específica em uma área do estado na fala de informantes de idade mais avançada, dando vestígios de uma mudança linguística em progresso quase concluída, não presente no vocabulário ativo da geração mais jovem.

*Raio* no ALiB é a forma predominante para o “risco luminoso” (Figuras 3 e 4), objeto de indagação da questão 9, e *faisca* ocorre unicamente para denominar o “clarão” (Questão 8) por um informante de Lavras, ponto 144.

## 5.2 Trovão

A questão 10 do QSL, *o barulho forte que se escuta depois de um [raio]*, no corpus do ALiB, apresentou um total de 99 ocorrências e uma abstenção de resposta (ponto 142/2 – informante feminina da faixa I de Ouro Preto). Foram documentadas sete formas lexicais: *trovão* (85 registros, 86%), *trovoada* (7 ocorrências, 7%), *estralo* (2 ocorrências, 2%), *trovejando* (2 registros, 2%) e, com ocorrências únicas: *trovejão*, *estrondo* e *estouro*, que juntas sumarizam 3% de produtividade no universo de respostas.

Entre ambos os sexos, a distribuição das variantes manteve-se praticamente equânime, com exceção de *trovoada*, que ocorreu com maior produtividade na fala das mulheres (6 dos 7 registros). Já quanto à faixa etária, observou-se que o número de formas registradas foi maior entre os informantes da faixa II, seis dos sete itens lexicais documentados; ao passo que entre os informantes da faixa I foram auferidas três variantes. As Tabelas 1 e 2 trazem dados quantitativos dessa distribuição.

Tabela 1 – Produtividade das variantes para a questão 10 do QSL segundo o sexo

Variantes	Número de ocorrências	%
<b>Masculino</b>		
Trovão	43	89,58%
Estouro	1	2,08%
Trovejão	1	2,08%
Estralo	1	2,08%
Estrondo	1	2,08%
Trovoada	1	2,08%
48		
<b>Feminino</b>		
Trovão	42	82,35%
Trovoada	6	11,76%
Trovejando	2	3,92%
Estralo	1	1,96%
51		

Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB – Relatório do SGVCLin®

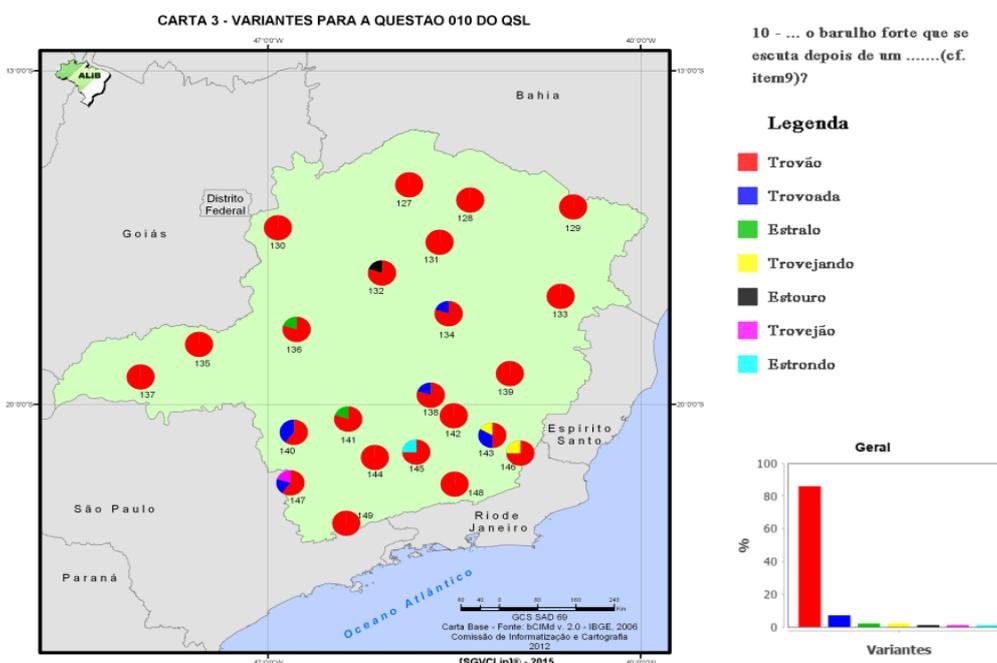
Tabela 2 – Produtividade das variantes para a questão 10 do QSL segundo a faixa etária

Variantes	Número de ocorrências	%
<b>Faixa I</b>		
Trovão	43	91,49%
Trovoada	3	6,38%
Estouro	1	2,13%
47		
<b>Faixa II</b>		
Trovão	42	80,77%
Trovoada	4	7,69%
Trovejando	2	3,85%
Estralo	2	3,85%
Trovejão	1	1,92%
Estrondo	1	1,92%
52		

Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB – Relatório do SGVCLin<sup>®</sup>

Quanto à distribuição diatópica, a Figura 6 apresenta a produtividade de cada item nos pontos linguísticos. Há a presença da forma majoritária (*trovão*) em todas as localidades e a variante *trovoada* em cinco pontos: 134 (Diamantina), 138 (Belo Horizonte), 143 (Viçosa), 140 (Passos) e 147 (Poços de Caldas).

Figura 6 – Distribuição diatópica das variantes lexicais para a questão 10 do QSL



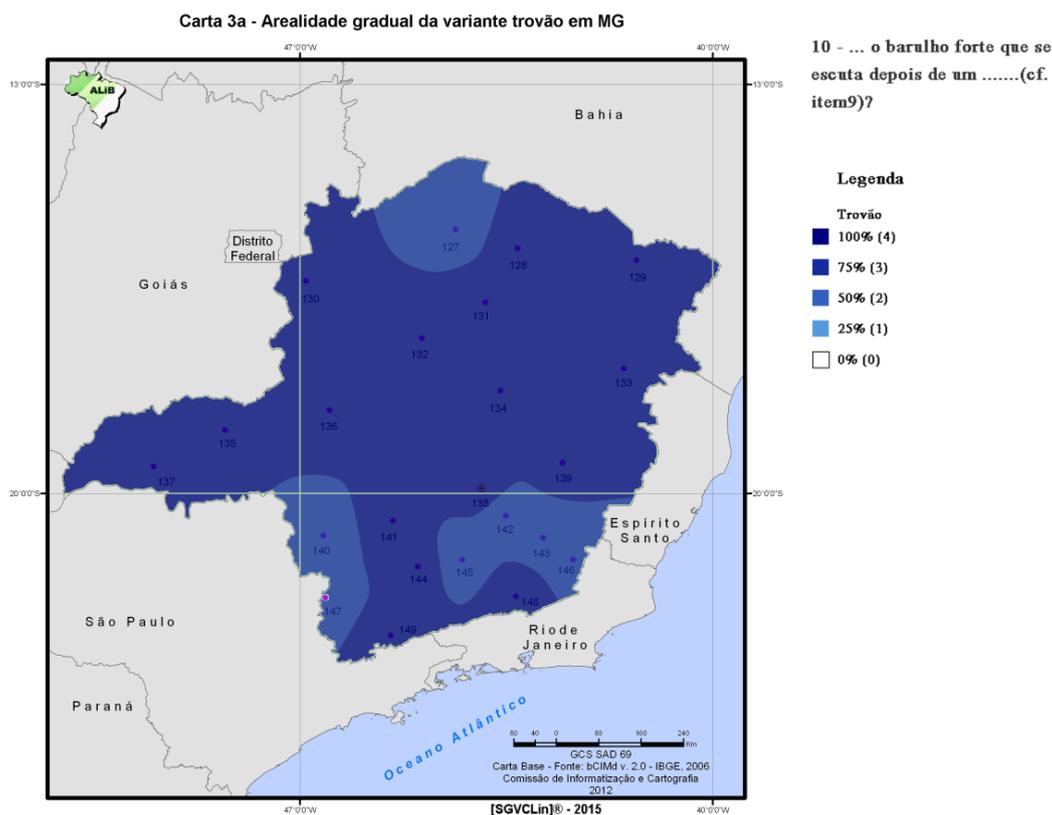
Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB – carta linguística experimental elaborada *ad hoc* no SGVCLin<sup>®</sup>

As demais formas, que são menos produtivas, estão presentes em:

- Patos de Minas (ponto 136) e Formiga (ponto 141) – *estralo*;
- Viçosa – (ponto 143) e Muriaé (ponto 146) – *trovejando*;
- Pirapora (ponto 132) – *estouro*;
- Poços de Caldas (ponto 147) – *trovejão*;
- São João del Rei (ponto 145) – *estrondo*.

Quanto à forma mais produtiva, a Figura 7 traz a distribuição da arealidade gradual de *trovão* no território mineiro:

Figura 7 – Arealidade gradual do item *trovão* em MG



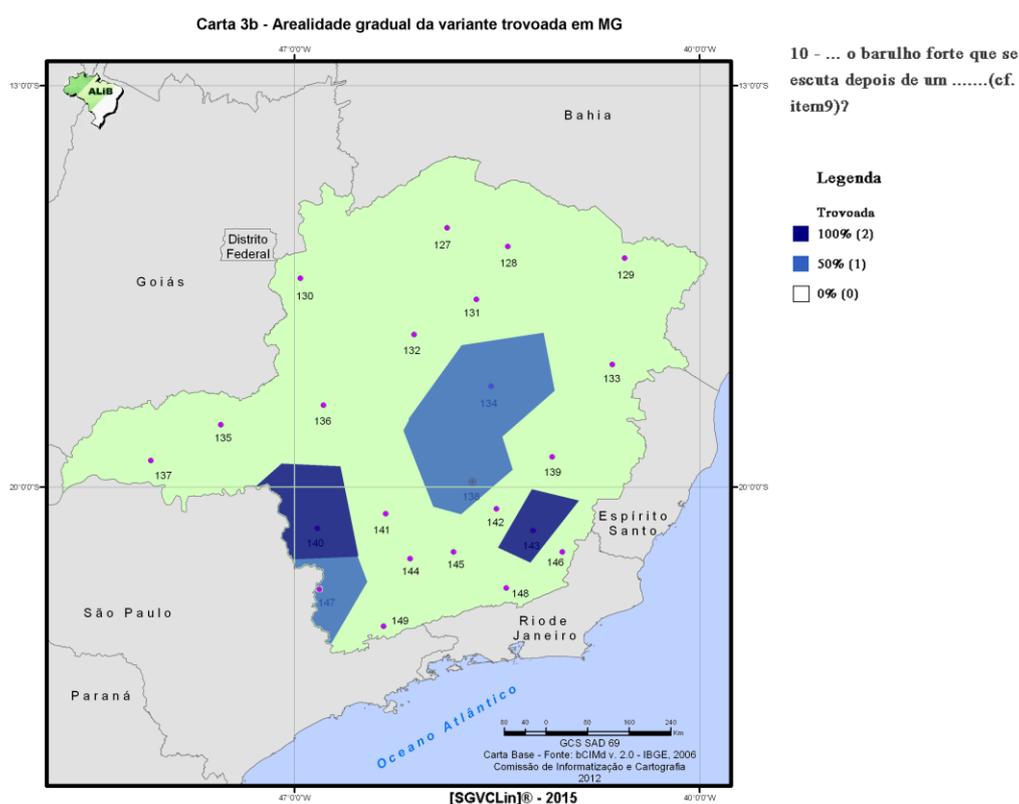
Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB – carta linguística experimental elaborada *ad hoc* no SGVCLin®

A incidência do item *trovão* atinge 100% de ocorrência na maioria dos pontos linguísticos, exceto em Januária (ponto 127); São João del Rei (ponto 145), Ouro Preto

(ponto 142), Viçosa (ponto 143), Muriaé (ponto 146), 140 (Passos) e 147 (Poços de Caldas), onde foram registrados 3 ocorrências, equivalente a 75% de incidência do item.

Já quanto a *trovoada* (Figura 8), em Passos (140) e Viçosa (143) foram documentados dois registros, equivalente a 100% do item na localidade e uma ocorrência em Poços de Caldas (147), Belo Horizonte (138) e Diamantina (134).

Figura 8 - Arealidade gradual do item *trovoada* em MG

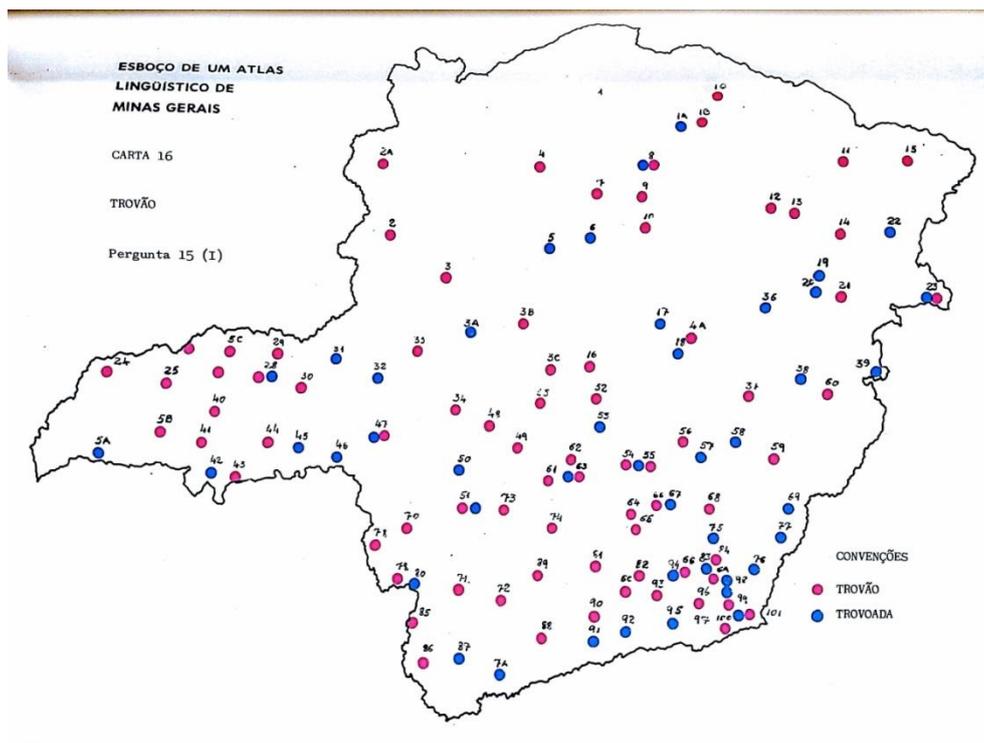


Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB – carta linguística experimental elaborada *ad hoc* no SGVCLin®

Por sua vez, no EALMG, foram documentadas apenas duas formas: *trovão* e *trovoada*, amplamente distribuídas pelo território de MG, conforme se verifica na Figura 9. A variante *trovão* esteve presente em 78 pontos linguísticos ao passo que *trovoada* ocorreu em 45 deles. Observando-se a carta 15 do EALMG, verifica-se que não há a presença de *trovada* no noroeste de mineiro, assim como não ocorreria no ALiB

(Figura 8), não é possível traçar linhas de isoléxicas, pois há uma distribuição esparsa na maior parte do território, o que não caracteriza áreas lexicais..

Figura 9 – Carta lexical 16 do EALMG



Fonte: EALMG (1977)

Ou seja, para o item *trovão*, Minas Gerais, atualmente apresenta maior número de variantes ao passo que no EALMG foram documentadas apenas duas. Contudo, a distribuição diatópica de *trovoada*, que no EALMG era consideravelmente produtiva, no *corpus* mais atual, mostra-se como segunda variante, porém com número de ocorrência bem aquém da forma majoritária (*trovoada* 7 registros/ *trovão* 87 ocorrências) e, conseqüentemente, uma menor área de abrangência.

Porém, antes de finalizar esta análise, cabe ressaltar que a carência de notas explicativas nas cartas do EALMG, o que é justificável por ser a segunda obra pioneira

da Geolinguística brasileira, impossibilita abordagens mais aprofundadas quanto a informações de cunho etnográfico, o que poderia revelar aspectos que extrapolam o meramente linguístico.

No meio rural, é muito comum causos em torno dos elementos da natureza, veiculando credices, mitos e superstições, por exemplo, acerca das intempéries climáticas como chuvas de granizo, tempestades, ou mesmo sobre o arco-íris, estrela cadente, via láctea, estrela matutina/vespertina etc. Se o EALMG apresentasse trechos de transcrição das falas dos informantes acerca dos fenômenos atmosféricos em pauta, muito se poderia aventar sobre a tal ‘pedra de raio’ ou ‘pedra do corisco’, por exemplo, como as apresentadas nas notas das cartas do Atlas Linguístico do Paraná - ALPR (AGUILERA, 1994). Os informantes do ALPR afirmavam que essa pedra era ‘fincada’ na terra onde caía um *corisco* e serviria de amuleto ou algo do gênero para quem a encontrasse e conseguisse retirá-la da terra.

Nos dados urbanos, nenhum dos informantes do ALiB, nem mesmo os mais velhos, forneceu informações como essas, o que revela mudança da sociedade em relação à observação do céu e da natureza, de um modo geral. Carecem, portanto, estudos sobre outras questões do QSL que podem confirmar essas constatações.

### **Considerações finais**

Com este estudo, pode-se verificar que existe um processo de variação e mudança linguística em curso no estado de Minas Gerais. Observa-se que as áreas linguísticas estabelecidas por Zágari (2005 [1998]) e estudadas por Rocha e Ramos (2010), Rocha (2012), Rocha e Antunes (2014), Romano e Seabra (2017), nos dados deste artigo, também não se sustentam sob o ponto de vista lexical, pois a distribuição diatópica das variantes não permite a delimitação de linhas de isoléxicas que comprovem a tripartição proposta sobre o falar *paulista*, *mineiro* e *baiano*. Contudo, comparando-se ambas as sincronias, dados de 2009 a 2013 (ALiB) e dados do EALMG (1977), observa-se que o vocábulo *corisco* tende a deixar de existir, pois se encontra apenas no vocabulário ativo de informantes da segunda faixa etária, e mesmo assim com



baixa produtividade se comparado ao número de ocorrências que figurava no atlas de Ribeiro et al (1977).

No EALMG, o *corisco* estava distribuído por todo o estado, ocorrendo, principalmente, no centro-sul mineiro, onde a rede de pontos era mais densa. No ALiB, essa distribuição não mais se confirma, talvez até mesmo porque o centro-sul e o Triângulo mineiro são duas das regiões mais urbanizadas e desenvolvidas do estado. Nos dados mais atuais (ALiB), o item *corisco* ocorre mais no centro-norte de Minas, principalmente, na região do Vale do Jequitinhonha e Mucuri, conhecido como Sertões de Minas, evidentemente rural, dando indícios da influência da urbanização no léxico do Português brasileiro.

*Relâmpago* também continua sendo uma forma para denominar o ‘risco luminoso que pode matar’, assim como *trovoada* para indicar o ruído produzido. Há de se observar, contudo, que a distribuição espacial das formas já não é mais a mesma, pois em dados mais atuais são formas lexicais que diatopicamente encontram-se menos distribuídas.

Em suma, a falta das notas nas cartas linguísticas do EALMG com a transcrição da fala dos informantes não permitem aprofundamentos que extrapolassem o meramente linguístico; mas é um fato que esses fenômenos figuram no imaginário coletivo de forma mítica e estão envoltos a superstições e lendas que no vocabulário do homem urbano passaram a ser banalizadas ou deixaram de ocorrer.

### REFERÊNCIAS

- AGUILERA, V. de A. **Atlas Linguístico do Paraná**. Curitiba: Imprensa Oficial, 1994.
- ALTENHOFEN, C. V.; KLASSMANN, M. S. (orgs.) **Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil – ALERS: cartas fonéticas e morfossintáticas**. Porto Alegre: Editora da UFRGS; Florianópolis: Ed. UFSC, 2011.
- ARAGÃO, M. do S. S. de; BEZERRA DE MENEZES, C. **Atlas Linguístico da Paraíba**. Brasília: UFPB; CNPq, Coordenação Editorial, 1984.



CANDIDO, Daniel Henrique; NUNES, Lucí Hidalgo. Mitologia e Climatologia: um estudo das divindades relacionadas à ocorrência de tempo severo. **Revista Brasileira de Climatologia**, ano 8, v. 11 p. 42-55, 2012.

CARDOSO, S. A. M. S. **Geolinguística**: tradição e modernidade. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

CARDOSO, S. A. M. S. et al. **Atlas Linguístico do Brasil - Vol. 1 (Introdução)**. Londrina: EDUEL, 2014a.

CARDOSO, S. A. M. S. et al. **Atlas Linguístico do Brasil - Vol. 2 (cartas Linguísticas)**. Londrina: EDUEL, 2014b.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. **Questionários 2001**. Londrina: Eduel, 2001.

FERREIRA, C. et al. **Atlas linguístico de Sergipe**. Salvador: Universidade Federal da Bahia; Fundação de Cultura de Sergipe, 1987.

INMET - INSTITUTO NACIONAL DE METEOROLOGIA. **Glossário**: Relâmpago. 2020a. Disponível em: <<http://www.inmet.gov.br/portal/index.php?r=home/page&page=glossario#R>> Acesso 07 mar. 2020.

INMET - INSTITUTO NACIONAL DE METEOROLOGIA. **Glossário**: Raio. 2020b. Disponível em: <<http://www.inmet.gov.br/portal/index.php?r=home/page&page=glossario#R>> Acesso 07 mar. 2020.

IPMA – INSTITUTO PORTUGUÊS DO MAR E ATMOSFERA. **Área educativa**: detentores de raio. 2020b. Disponível em: Disponível em: <<https://www.ipma.pt/pt/educativa/fenomenos.meteo/index.jsp?page=dea.index.xml>> Acesso em 07 mar. 2020.

IPMA – INSTITUTO PORTUGUÊS DO MAR E ATMOSFERA. **Área educativa**: o trovão. 2020a. Disponível em: Disponível em: <<https://www.ipma.pt/pt/educativa/fenomenos.meteo/index.jsp?page=dea.trovao.xml>> Acesso em 07 mar. 2020.

RIBEIRO, S. S. C. **Brinquedos e brincadeiras infantis na área do falar baiano**. 2012. 466 p. Tese de Doutorado (Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística). Universidade Federal de Bahia, 2012.

RIBEIRO, J. et al. **Esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais**. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1977.

ROCHA, A. P. A. Notas sobre o léxico de brincadeiras infantis usado em Minas Gerais à Luz de dois trabalhos geolinguísticos: o ALEMIG (1977) e o Projeto ALiB. In.: ALTINO, F. C. (org.). **Múltiplos olhares sobre a diversidade linguística**: uma homenagem à Vanderci de Andrade Aguilera. Londrina: Midiograf, 2012, p.79-92.



ROCHA, A. P. A.; ANTUNES, L. B. Divisão dialetal em Minas Gerais: notas sobre aspectos fonéticos. In.: RAZKY, A.; LIMA, A. F. de.; OLIVEIRA, M. B.; COSTA, E. O. da.(orgs.). **Estudos sociodialetais do português brasileiro**. Campinas: Pontes Editores, 2014, p. 97-111.

ROCHA, A. P. A.; RAMOS, J. M. Estudos dialetais em Minas Gerais. **Estudos linguísticos e literários**, Salvador, n. 41, p.70-86, jan-jun. 2010.

ROMANO, V. P. Balanço crítico da geolinguística brasileira e a proposição de uma divisão. **Entretextos**, Londrina, v.13, nº 02, p. 203-242, jul./dez. 2013.

ROMANO, V. P. **Em busca de falares a partir de áreas lexicais no centro-sul do Brasil**. 2015. 2v. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2015.

ROMANO, V. P.; SEABRA, R. D. Do presente para o passado: a variação lexical em Minas Gerais a partir de corpora geolinguísticos sobre brinquedos infantis, **RELin Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, UFMG, v. 25, n.1, p. 111-150, 2017.

ROMANO, V. P.; SEABRA, R. D.; OLIVEIRA, N. [SGVCLin] – Software para geração e visualização de cartas linguísticas. **RELin Revista de Estudos da Linguagem**. Belo Horizonte, UFMG, v. 22, n.1, p. 119-151, 2014.

ROSSI, N. et al. **Atlas Prévio dos Falares Baianos**. Rio de Janeiro: INL, 1963.

THUN, H. La géographie linguistique romane à la fin du XX siècle. In.: RAENDONCK, D. V. et all. (Orgs.). **Actes du XXII Congrès International de Linguistique e Philologie Romanes**. Bruxelles, 1998, 367-409.

VIEIRA, Alexandra. Raios E Coriscos. **Revista Memória Rural**, no. 2, 2019, p. 162-173. Disponível em: <  
<https://museudamemoriarural.pt/revistamemoriarural/index.php/revista/article/view/61>>  
Acesso em 07 mar. 2020.

ZAGARI, J. R. L. Os falares mineiros: esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais. In.: AGUILERA, V. de A. (org.). **A geolinguística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer**. Londrina: EDUEL, 2005, p.46-72.

ZAGARI, J. R. L. Os falares mineiros: esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais. In.: AGUILERA, V. de A. (org.). **A geolinguística no Brasil: caminhos e perspectivas**. Londrina: EDUEL, 1998, p.31-54.

Recebido Para Publicação em 12 de março de 2020.

Aprovado Para Publicação em 23 de maio de 2020.